

## Pensar o corpo “pós-humano”

Débora Mariz<sup>1</sup>

### RESUMO:

Esta comunicação visa refletir sobre o corpo a partir do discurso pós-humanista. Inicialmente serão caracterizadas duas perspectivas do “pós-humano”, a saber: (1) a da superação do humano e (2) a da transformação biotecnológica ou biogenética. Em seguida, serão delimitadas algumas consequências dessas perspectivas para se pensar o corpo e, finalmente, buscaremos identificar os problemas subjacentes à temática do corpo pós-humano, tendo como chave de leitura a noção de Corpo originário no pensamento do filósofo francês Michel Henry.

**Palavras-chave:** corpo, fenomenologia, pós-humano

### TEXTO COMPLETO:

Poderíamos entender o corpo “pós-humano” como um resquício do humano em nós, cujo corpo foi esquecido ou relegado a ser mero suporte da tecnologia? A profundidade com a qual essa tecnologia penetra em nosso corpo seria suficiente para retirar dele a própria vida?

Em seu livro *Experimentum Humanum*, o sociólogo da técnica Hermínio Martins apresenta duas perspectivas do “pós-humano”, a saber: (1) a da superação do humano e (2) a da transformação biotecnológica ou biogenética.

A primeira perspectiva apresenta o discurso pós-humano como Singularidade, palavra que entrou no discurso tecnocibernético nos anos 80, sob influência do matemático Vernon Vinge. Essa perspectiva de Singularidade é composta por matemáticos, cientistas e engenheiros associados às tecnologias da computação que propõem um projeto Trans-Humanista. Este projeto pressupõe que as debilidades do corpo humano impõem “limites ao progresso do conhecimento científico, em função das nossas características contingentes de meros primatas inteligentes” (p.336). Em contrapartida, eles almejam “a substituição gradual dos nossos órgãos sensoriais e dos nossos membros por sensores e efetores eletromecânicos” (p.336) levando à criação de um pós-humano, ou como o próprio autor ironicamente sugere: um Novo Adão. Assim, o homem poderia deixar de ser um mero *homo faber* para tornar-se

---

<sup>1</sup> Doutoranda bolsista em Filosofia Contemporânea pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Trabalho apresentado no XI Simpósio Filosófico-Teológico da FAJE, em setembro de 2014. E-mail: deboramariz@gmail.com

um *faber hominis*, isto é, o construtor do próprio homem, levando a ameaças à sua própria existência (p.344).

Acerca dessa perspectiva, o filósofo Laymert G. dos Santos explica:

Pertence a essa via a aposta que é feita na inteligência artificial e no desenvolvimento daquilo que seria a abertura de um outro tipo de evolução, que viria com os robôs. [...] Essa é uma via radical e otimista, pois acha que, se seu corpo é um hardware falho e ultrapassado, você pode fazer um download de sua mente num corpo que seja melhor (2005, p.164).

Desse modo, pensar o corpo “pós-humano” nos remete a algo para além do humano e, inevitavelmente, aos desdobramentos da técnica que, aplicadas ao corpo, buscam potencializa-lo para além das dimensões que se supõem humanas. Nesse sentido, o discurso “pós-humano” não parece apontar para uma crise em relação às categorias do humanismo, mas talvez seja apenas um pseudoproblema decorrente de discursos de ficção científica que imaginam um corpo feito de silício e não mais de carne. Assim, o corpo humano é compreendido no sentido meramente físico de “massa”, isto é, em termos de capacidade de agir e de sofrer uma ação imposta pela técnica. Mas, seria adequado compreendê-lo como massa, ou existe algo que poderíamos caracterizar de humano em nosso corpo?

Passemos então à segunda perspectiva do discurso pós-humano. A perspectiva da transformação biotecnológica visa à transformação do humano e não à sua superação, através da modificação genética. Como bem observa Hermínio Martins (2012, p.387), temos aqui um Homem Genético que dita às gerações futuras como devem ser maximizadas as qualidades dos indivíduos, num modo de eugenia positivo, em que não há “um sentido de coletivo, de uma sociedade melhor”, mas apenas indivíduos superiores, cujas inter-relações não são tematizadas. Essa perspectiva remete a problemas éticos decorrentes da realização de modificações genéticas, o que não será aqui objeto de discussão.

Seja na perspectiva da superação ou na perspectiva da transformação do humano, que o discurso pós-humano parece remeter à oposição entre a antropomorfização da máquina e a mecanização do humano. Mas será que essa oposição é capaz de abarcar os problemas subjacentes à relação do homem com a técnica? Manter-se nessa oposição homem-máquina não nos levaria à demonização da técnica ou à divinização do robô? Para a economia do texto, não desenvolveremos aqui esses problemas.

É preciso refletir sobre o corpo “pós-humano” cuja compreensão nos remete essencialmente ao seu caráter fragmentado. Ora, não é justamente a marca da fragmentação

que caracteriza muitos dos discursos da chamada “pós-modernidade”<sup>2</sup>? Nesse sentido, o discurso pós-humano sobre o corpo seria condizente com o imaginário de um corpo desfigurado e fragmentado utilizado “como um antídoto contra os princípios do antropomorfismo, da identidade e das ilusões do humanismo, constituindo uma forte crítica da modernidade” (ORTEGA, 2005, p.249). Mas, esse modelo do corpo dilacerado e fragmentado não teria também pretensões normativas, ao se apresentar como modelo ideal do corpo na pós-modernidade?

Defendemos aqui que esse modo de pensar esbarra em uma objeção fundamental, a saber: esse corpo fragmentado e inerte - que se pode construir utilizando os processos materiais extraídos do universo, organizados e combinados segundo as leis da física - , não sente, nem experimenta nada, nem a si mesmo, nem nenhuma das coisas que o cercam<sup>3</sup>.

O que buscamos nessa comunicação é pensar o corpo “pós-humano” fora dos postulados do pensamento clássico, em que o corpo humano é compreendido como um objeto “fora de si” e, muitas vezes, cartesianamente compreendido como um autômato e nos quais a 'consciência' se resume na representação, na intencionalidade ou na Transcendência do Ser.

Pensar esse corpo “pós-humano” sem cair na fragmentação e sem retornar aos postulados clássicos é pensar uma radical fenomenologia do corpo, tal como o fez Michel Henry. Para este filósofo, nosso corpo não pode ser confundido com uma extensão cartesiana, pois há em nós um Corpo original, não constituído, que se identifica com a essência da vida:

A corporeidade é um *pathos* imediato que determina nosso corpo de uma ponta a outra, antes que ele se erga para o mundo. É dessa corporeidade original que ele deriva suas capacidades fundamentais, a de ser uma força e de agir, de receber hábitos, de se lembrar – pela maneira que o faz: fora de toda representação (HENRY, 2012, p.7).

Assim, o filósofo francês afirma o caráter concreto da subjetividade, mostrando que esta se confunde com nosso próprio corpo, um corpo vivo, não restrito a um mero objeto de manipulação tecnológica!

---

<sup>2</sup> Nos referimos aqui ao *Do Corpus*, de Jean-Luc Nancy; ao corpo sem órgãos, de Deleuze e Guattari (1980), e ao corpo dilacerado da tradição modernista, o corpo fragmentado é um modelo ético recorrente que promete nos salvar da ameaça universalizante e totalizante do corpo como totalidade e unidade orgânica (cf. ORTEGA, 2005, p.249).

<sup>3</sup> Cf. HENRY, Michel, 2014, p.12.

## Referências

HENRY, Michel. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2014.

\_\_\_\_\_. *Filosofia e Fenomenologia do Corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2012.

MARTINS, Hermínio. *Experimentum Humanum: civilização tecnológica e condição humana*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

ORTEGA, Francisco. Corpo e tecnologias de visualização médica: entre a fragmentação na cultura do espetáculo e a Fenomenologia do Corpo Vivido. In: *PHYSIS - Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(1), 2005, p. 237-257.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Demasiadamente Pós-Humano. In: *Novos Estudos*, n.72, jul 2005, p. 161-175.